

Os mistérios de uma infância pensante

Bianca de Melo Orelli
Gradua o em Letras Português - Inglês - UFMS
Edgar C ezar Nolasco
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Existência e perspectiva das crianças

Não sei como desenhar o menino. Sei que   impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudar  sua domestica o: ele é esforçado e coopera. Cooperar sem saber que essa ajuda que lhe pedimos   para o seu auto-sacrifício. (Lispector, *Todos os contos*, 417.)

Clarice Lispector, escritora p s-modernista, traz à luz uma discussão importante sobre o lugar que uma criança ocupa em meio ao mundo dos adultos. O autossacrifício é a despedida de um mundo, uma *cultura*, para, todos nós em algum momento, pertencermos a um plano que apaga um passado em comum e incomum ao mesmo tempo. Antes de mais nada, é preciso contextualizar os conceitos para nos apoiarmos na atual argumenta o, em primeiro plano, a *exterioridade* (Mignolo, 2003) e o *biol cus* (Nolasco, 2015) são as ideias que amarram meu pensamento comparatista nesta dicotomia entre infância e vida adulta. Neste caso, o lugar exterior que as crianças estão não   da ordem do real e do físico, é um lugar de expressão e pensamento.

O problema não é descrever na "realidade" os dois lados da fronteira. O problema   fazê-lo a partir de sua exterioridade (no sentido de Levinas). O objetivo é apagar a distin o entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, entre um objeto "híbrido" (o limite como aquilo que é conhecido) e um "puro" sujeito disciplinar ou interdisciplinar (o conhecedor) não contaminado pelas questões liminares que descreve. (Mignolo, 2003, 42.)

Agora, *exterioridade* - conceito fundado por Mignolo, esboça uma parte criada pela *interioridade* para segregar aqueles que são marginalizados, neste caso, trato da criança para com o adulto - alimenta a ideia de livros infantis produzirem um efeito de sentido que pode não pertencer a todas as infâncias, porque não são as crianças que produzem as histórias para complementarem o cânone infantil, e sim adultos de fora dessa realidade. Como os pequenos são considerados seres incapazes que “necessitam” ser instruídos e socializados por adultos (Barbosa; Dos Santos; 2021) que habitam o mesmo espaço, aqui o que dizemos por *exterioridade* é um espaço que crianças precisam ocupar em conjunto, pelas *semelhanças nas diferenças* (Mignolo, 2003), pela ordem de expressão e pensamento.

Até aqui, procurei pontuar tão somente duas questões as quais vejo como essenciais para a discussão que proponho e que atende pela rubrica de Crítica Biográfica Fronteiriça. Trata-se do que passo a denominar de (bios=vida + lócus=lugar) biolócus. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do bios (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta). (Nolasco, 2015, 59.)

Fechada a contextualização, esclarecemos um lugar tanto real e irreal que crianças habitam divergindo com homens e mulheres, e uma vida que já se desenha desde o início. A própria autora tratada tem consciência dessa desarmonia, ao citar na entrevista para TV Cultura “O adulto é triste e solitário né? A criança tem a fantasia solta”. Aqui, levantando uma reflexão do *bios*, a vida das obras, a vida das infâncias, dos jovens, e o lócus, o lugar de onde se originam tais pensamentos fronteiriços e críticas. Os objetivos que vêm junto ao meu pensamento são: destacar uma literatura infantojuvenil sem vida e desmotivante com intuito de crescê-la sob o mesmo olhar que Clarice Lispector traz em seu desenvolvimento nesta área, além de comparar múltiplas infâncias precisas que surgem em suas obras infantis e adultas.

A metodologia utilizada na pesquisa será bibliográfica e comparatista, proponho uma reflexão à luz da rubrica crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) a partir das obras

citadas, com apoio na bibliografia e de outros textos complementares contribuir am para o estudo. Também faremos um estudo teórico-crítico da presença de elementos infantis pertinentes para o desenvolvimento de uma literatura infantojuvenil pensante nos livros em questão, de cada visão da autora para com as crianças e adultos, que já é exibida ao julgar os adultos como tristes e solitários e as crianças soltas, comparando-as para o atual artigo.

Uma infância pensante

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e s  então ele estará ao meu alcance. L  está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecer  o hoje dele. Nem ele próprio. (Lispector, *Todos os contos*, 417.)

Clarice, como mãe e escritora pós-moderna brasileira, sabe o lugar distanciado que o menino habita, como no conto citado Menino a bico de pena (1971), que ilustra o caminho percorrido de uma criança para se inserir no plano dos homens e mulheres. Estes que jamais chegarão a compreendê-lo como participante ativo da sociedade, nem ele mesmo posteriormente. Tal autossacrifício é um sacrifício de identidade e um pedido de socorro no qual temos que recorrer para sermos inseridos no modo que adultos funcionam, perdendo uma *cultura* construída desde o início. Há um conceito que me apoio para elaborar este pensamento, as *culturas da infância*:

Sarmiento conceitua “culturas da infância” como a “capacidade das crianças em construírem de forma sistematizada modos de signifi a o do mundo e de ac o intencional, que são distintos dos modos adultos de signifi a o e ac o” (SARMENTO, 2003, p. 3-4). O autor salienta, ainda, que tais culturas sofrem influência da coletividade na qual está inserida a criança, sendo a intera o infância x sociedade marcada por “rela oes desiguais de classe, de g nero e de etnia” (SARMENTO, 2003, p. 8). (Barbosa; Dos Santos, 2017, 266.)

A coletividade na qual a criança está constrói seu *biol cus*. As culturas da infância, no singular, ainda é pouco, é preciso pensar que nenhuma infância é singular, nem universal e nem atemporal ( los; Cargnelutti, 2021). E infelizmente não há um estímulo certo para desenvolver essas *culturas* perdidas em tão pouco tempo, não há incentivo para as infâncias

serem aproveitadas completamente. Neste pouco tempo seria essencial exercitar os conhecimentos próprios de pertencimento das crianças, na história *O mistério do coelho pensante* (1967), Lispector já abre um espaço importante para que essa juventude se construa no livro policial, como ao incentivar mais ao final do livro: “É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe.” (Lispector, 1967, p.50).

Entender mais de coelho é apenas uma das coisas que crianças entendem mais, mas entendem de formas diferentes, através de suas visões de mundo que variam por locais, línguas e culturas. Para comparar, a mesma obra aqui trabalhada possui sua versão traduzida para o inglês por Suzanne Jill Levine, *The mystery of the thinking rabbit* (1975), que não será lida pelas mesmas diferentes crianças do Brasil, pois mesmo divergentes, possuem o mesmo sistema linguístico. Aqui não é preciso observar o código do texto propriamente, mas, sim, as interpretações e as imagens que a mesma leitura traz aos pequenos, para comparar os dois funcionamentos, o autor Francis Aubert esclarece algumas funções do papel de tradutor que ajudam a construir esta parte da discussão em *As (in) fidelidades da tradução* (1994), como ao dialogar sobre o “uso metafórico de imagens cristalizadas da realidade extralinguística típica de cada cultura, e em que cada usuário se reconhece como participante” (p. 37).

Essas imagens cristalizadas reafirmam a fidelidade com a cultura e identidade de cada leitor, porque dificilmente um habitante oriundo do norte das Américas, experienciaria a mesma leitura que nós, do sul, com marcas latinas, ou seja, não dividem o mesmo *biolocus*. Difícil ainda, se uma criança quiser conectar-se com a leitura sem achar elementos que esteja vivendo num livro infantil traduzido de outro espaço geográfico.

Da mesma maneira, perde-se de vista que a categoria infância não tem uma única gênese, uma vez que diferentes espaços geográficos e em diferentes momentos históricos lidam de maneiras radicalmente diferentes com o constructo infância. (Alós; Cargnelutti, 2021, 44.)

A via que chegamos ao mundo é, de certa forma, semelhante, mas o corpo que gesta e vive uma realidade que ocuparemos depois já nos tira dessa categoria de infância. O tempo de nascer no início dos anos 2000 já é considerado ultrapassado para as novas gerações nascidas agora a partir de 2010, 2020, e quem dirá antes, bem antes, da virada do século. Ter nascido, como Lispector, em outro país, na Ucrânia, e ainda cedo mudou-se para

experimentar uma nova cultura de infância e apropriar-se na vida adulta dela é ter vivido algo quase indescritível. Incompar vel ainda, ao escrever para seu filho caçula um livro que dedicasse a particular infância dele, na sua visão de gente grande, pois disso surge um (des)encontro entre a criança e o mundo dos adultos.

Clarice morou em Recife até a adolescência, onde entrou no Ginásio Pernambucano aos 12 anos, nesta idade, já era uma devoradora de livros, ao descobrir que quem escrevia os livros eram, sim, pessoas, decidiu querer ser escritora também. Passou a escrever pequenos contos e histórias, até que experienciou a oportunidade de inscrever-se no *Diário de Pernambuco*, para colaborar para a se o infantil intitulada “*O Diário das Crianças*” (Gotlib, 2011). Mas, nunca chegou a ser aceita para as publica es de quinta-feira, porque como a autora justifica numa entrevista:

“As outras crianças eram publicadas e eu não. Logo compreendi por que: elas contavam histórias, uma anedota, acontecimentos. Ao passo que eu relatava sensa es... Coisas vagas. Mas sou teimosa e não fiz ao longo da minha vida senão perseverar minha trilha, suprimir os fatos e privilegiar as sensa es. [...]” (Maryvonne Lapouge e Clelia Pisa *apud* Gotlib, 2011, 83.)

Não ser publicada já mostra um silenciamento feito pelos editores da tal se o infantil, que deveriam ser responsáveis pela inclusão de jovens escritores diferenciados, destinados a ganhar reconhecimento pela forma de escrita, pensamento e criatividade. Porém, esta nega o não a fez parar de escrever sobre sensa es, o tema a persegue até o final de suas obras, o que a torna exce o a regra da ideia das culturas impostas por adultos e ao apagamento de seu modo de pensar e expressar-se. Relaciono este acontecimento com um destaque em *Histórias locais/projetos globais* (Mignolo, 2003), que justifica bem o que ocorre com a perda ou o autossacrifício das crianças numa sociedade regada pelo pensamento adulto:

Sociedades silenciadas são, é claro, sociedades em que há fala e escrita, mas que não são ouvidas na produ o planetária de conhecimento, orientadas pelas histórias locais e as línguas locais das sociedades silenciadoras (isto é, desenvolvidas) (Mignolo, 2003, 105.)

As *sociedades* mencionadas se conectam com as relações entre crianças e adultos se destoam pelo rebaixamento das vivências dos pequenos, que, mesmo habitando e convivendo simultaneamente, ainda não possuem espaço apropriado para o fortalecimento de suas vozes enquanto seres citados e dotados de pensamento crítico, mesmo que em formação. O momento de aprender e de tomarem destaque é justamente esse, o momento em que as crianças começam a questionar os adultos e adquirir seus sentidos, verdades e posicionamentos, habitando com seu próprio *bios*.

Estas infâncias são categorizadas da mesma forma, sem considerar suas identidades completas, sendo não variantes e sem histórias, reforçando uma imposição que não assegure uma passagem para a vida adulta consciente de quem é e de onde vem, sendo regulado pela mesma medida que lhes foram impostas. Esta regra é exposta no artigo de Barbosa e Dos Santos, que propõem a crítica para a questão das múltiplas infâncias:

[...] Processos de disciplina da infância [...], são inerentes à criação da ordem social dominante e assentaram em modos de “administração simbólica”, com a imposição de modos paternalistas de organização social e de regulação dos cotidianos, o desapossamento de modos de intervenção e a desqualificação da voz das crianças na configuração dos seus mundos de vida e a colonização adultocentrada dos modos de expressão e de pensamento das crianças. (Barbosa; Dos Santos *apud* Sarmiento, 2005, 369-370.)

Por fim, assimilo, com apoio em conceitos como *exterioridade* e *biolocus*, através das obras infantojuvenis e adultas de Clarice Lispector, infâncias construídas separadamente no mesmo espaço geográfico, pela intervenção do adulto em suas leituras, vivências, saberes e construções.

Nas escritas entre crianças e adultos

[...] Ao dizer alguma coisa inteligente, cada adulto olharia rapidamente o outro, com um sorriso claramente suprimido dos lábios, um sorriso apenas indicado com os olhos, “como nós sorriríamos agora, se não fôssemos bons educadores”. (Lispector, *Todos os contos*, 328.)

Aqui, volto a dizer sobre a ordem da expressão e do pensamento - este pensamento que reforço ser fronteiro, contraposto ao pensamento moderno que divide as crianças dos adultos - para destacar a tal coloniza o que, como vimos, desmaterializa uma ordem de culturas infinitas das infâncias para impor uma *visão adultoc ntrica* (Sarmiento, 2005) sobre o mérito pensante das crianças. Essa imposi o   esclarecida no conto da epígrafe *Evolu o de uma miopia* (Lispector, 1964), na qual os adultos veem a inteligência do menino como suas. A desqualifica o já é evidente por adultos escreverem histórias para crianças, ou seja, fazem a partir de uma visão outra, que não representa totalmente uma infância real, apenas uma ideia do que era possível ser determinado como “compreensível” para os pequenos seres. Porque até nos livros infantis precisamos de identifica es com o adulto, sem considerar uma capacidade interpretativa de uma criança em ler e relacionar-se com a história sem o apoio de uma visão maior sobre ele, n  *O mistério do coelho pensante* (1967) vemos um pedido de desculpas aos responsáveis por lerem uma história que não cabe a eles, “pela contribui o forçada que serão obrigados a dar.”.

Segundo Agamben, “o que podemos alcançar por nossos méritos e esforço não pode nos tornar realmente felizes. São a magia pode fazê-lo” (2007, p. 23), fato que revela uma inclina o infantil para o fantástico, e que nos acompanha na idade adulta. Eis a razão da leitura literária ser fundamental para a constru o da sensibilidade leitora da criança, logo na mais tenra idade. (Eleutério, 2023, 64.)

A leitura sensibilizadora é um t pico importante para gestar uma boa infância e vida adulta crítica futuramente, porque é neste momento que a criança deve cultivar a sua percep o, e a gama de livros infantis publicados por Clarice cumprem esse papel certamente. Seus livros para adultos são compostos por uma reflexão intimista preciosa, e ao se tratar de infância, a escritora não diminui este lado, apenas inclui um instinto novo em suas obras: o materno. *O mistério do coelho pensante* (1967) traz ainda mais este lado por ser feito sob

encomenda¹, e, posteriormente, compõe outros livros marcantes para uma infância pensante, como *A mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1978 – obra póstuma), *Doze lendas brasileiras* (1987 - obra póstuma).

Enquadro agora, a relação de Clarice com crianças em sua literatura para adultos, como em seus contos a escritora observa e monta esses seres para leitores que não se incluem no mesmo plano, pelo motivo discutido até agora de hierarquização. *Felicidade Clandestina* (1971) é repleto de contos pertinentes sobre sua infância e a infância de seus filhos, que é de onde sai também *Menino a bico de pena* (1971), e outro conto importante a inserir nesta discussão é *Uma esperança* (1971). Dialogando com a citação mais acima, esta história acontece numa fração de momento em que um dos seus dois filhos, não identificado qual, encontra o inseto que recebe o nome de Esperança, e a mãe se surpreende com a capacidade do menino em ver alma até no pequeno e magro inseto. Esta “surpresa” pelo imaginário fantástico do filho desencadeia uma reflexão intensa na autora, que pondera infeliz quando o filho diz “— Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.” (p. 412).

Essa surpresa infeliz de um olhar para o mesmo inseto, faz com que Clarice reimagine a capacidade de crianças para as percepções que não são da ordem dos adultos, uma descoberta adulta sobre a(s) cultura(s) das crianças. Duas, ou três, óticas sobre o que ela julgava incapaz que pequenos seres saberiam dizer. Esta realização constrói então uma narrativa destoante na sua literatura infantojuvenil, artimanha que a faz diferente e cânone brasileiro nas leituras adultas, como evidenciado por Antonio Candido no seu capítulo *No raiar de Clarice Lispector* (1995):

[Clarice] Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamentalmente sentidas. (Candido, 1992, 128.)

Quebrar os quadros da rotina que vemos todos os dias em leituras corriqueiras é um papel importante para ampliar e construir um pensamento de que ao escrever um livro

¹ Clarice cita em entrevista para a TV Cultura que foi ordenada pelo seu filho a escrever uma história para ele, e que posteriormente a autora utilizou do manuscrito para tornar pública a obra. Clarice até diz “Tinha até esquecido daquilo, porque era tão pouco literatura para mim que eu não queria usar aquilo para publicar.”

infantojuvenil têm também literatura, no sentido s  da palavra, n  algo que cabe dentro e “menor” que ela, é um espaço que também deve e pode possuir seu cânone. Produzir *a partir da* infância é produzir desmistificando as histórias escritas de uma visão não-fantástica da vida, sem restri es de o que pode ou não ser julgado infantil, ou seja, impondo a regra do “Era uma vez”. Trago Mignolo novamente para justificar a produ o do que chama de *histórias esquecidas*:

Estas não são apenas contra-histórias ou histórias diferentes; são histórias esquecidas que trazem para o primeiro plano, ao mesmo tempo, uma nova dimensão epistemológica: uma epistemologia da, e a partir da, margem do sistema mundial colonial/moderno, ou, se quiserem, uma epistemologia da diferença colonial que é paralela à epistemologia do mesmo. (Mignolo, 2003, 81.)

As escrituras negadas da pequena Clarice são um exemplo destas histórias, consumidas por uma voz superior que a difere de outras escrituras infantis, mas que, posteriormente, ao entrar na vida adulta, consegue pôr em prática aquilo que escrevia ainda criança, trazer suas sensa es e revisitá-las com seu novo público *a partir de* sua infância e da infância assistida de seus filhos. Relaciono também com histórias da percep o adulta da escritora sobre a infância experienciada por si própria e pelos seus filhos, que a trazem para esta literatura silenciada e acaba por fundar um novo modo de conversar com as crianças e validando-as como leitoras dotadas de criticidade. A constru o da infância ao decorrer da humanidade se modificou em cada cultura, que posteriormente se fundiram para a mesma  tica eurocêntrica de diminuir a criança, mas resgatar o papel fundamental de uma criança humanizada na sociedade   necessário para que se preserve a cultura e funde uma literatura can nica para esta parte fundamental de nossa vivência.

A perda que se gera com tal concep o de um cânone universal é o apagamento e o silenciamento das diferenças culturais, *conditio sine qua non* para a emersão de um cânone universal de clássicos infantis. As contingências da infância, tais como as de classe, raça, g nero, localiza o geopolítica e momento histórico terminam por ser deixadas de lado. (Al s; Cargnelutti, 2021, 43.)

Desta forma, não é deixado são de lado o foco que ressaltar, da ordem da expressão e do pensamento, mas também de suas classes e papéis que assumem logo no início de sua existência. Fundamentar um cânone literário infantojuvenil é o início para que não se prenda numa visão estigmatizada do funcionamento infantil na sociedade, resgatando as histórias esquecidas.

Infâncias a bico de pena

— Ela quase não tem corpo, queixei-me. — Ela são tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças. (Lispector, *Todos os contos*, 411.)

“Menino a bico de pena”, conto utilizado para epígrafe e título do meu fechamento, explicita a rela o e a interferência de duas visões, adulta e infantil, para um inseto apelidado de Esperança, e a surpresa na realiza o do modo de expressão e pensamento da criança marginalizada e ocultada na sociedade. Busquei neste artigo, mostrar por meio de Clarice Lispector a invalidez da infância e chego a concluir que a própria escritora experienciou o silenciamento ao fugir do pensamento construído durante seus primeiros passos no mundo literário, e, quando adulta, não deixa o mesmo acontecer com seus filhos e futuros pequenos leitores.

Embora com poucas obras publicadas, Clarice Lispector cumpre o papel revitalizador de motivar o olhar infantil em seus livros, sem negligenciar o pensamento e a forma de enxergar o mundo que as crianças possuem. Suas escritas na infância, negadas e descartadas, se diferenciavam da visão adultoc ntrica aludida pelos editores das revistas, que buscavam não externalizar as sensa es que a jovem escritora, que como todas as crianças, sentiam e sentem. Na idade adulta, Clarice continuou escrevendo sobre sua própria infância e ficcionalizando outras infâncias em sua literatura, ainda reforçando o valor do pensamento da criança e materializando a culpa de seu apagamento, em alguns contos, no sacrifício para se inserir no mundo adulto.

Este sacrifício para a passagem da infância ao adulto se enquadra na vivência e localidade discutidas na *exterioridade* e do *biolocus* das crianças. Que ainda se desenham e acabam colocados na mesma caixa de pensamento e corpo para uma infância universal e compartilhada, com todas suas diferenças apagadas. Suas culturas de infância, então, dissipam-se e surge o adulto que dita a infância, manipulando-a na literatura infantil que segue extinta e sem o valor que possui na formação humana, exteriorizada então em relação ao cânone literário adulto e, mais ainda, ocidental. A pauta exige ainda mais contribuições para, como Clarice, revitalizá-la, resgatá-la e construí-la ao passo que as culturas infantis foram perdidas no processo histórico ocidental da integração para segregação das crianças na sociedade como percebemos hoje. Ou seja, sem que mais desculpas sejam pedidas aos responsáveis por precisarem forçadamente integrarem neste processo.

© Bianca de Melo Orelli y Edgar César Nolasco

Referências

- Alós, Anselmo Perez; Cargnelutti, Camila Marchesan. *Literatura infantojuvenil*. 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2021
- Aubert, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994
- Barbosa, Adriza Santos Silva; Dos Santos, João Diógenes Ferreira. *Infância ou infâncias?*. Revista Linhas. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez.2017.
- Candido, Antonio. No raiar de Clarice Lispector *In: Vários escritos*, 1977.
- Eleutério, Rosângela Fernandes. *As meninas de Clarice Lispector e a tradução da infância em suas obras*. Literartes, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 19, p. 58–80, 2023.

Gotlib, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

Levine, Suzanne Jill. *The mystery of the thinking rabbit*. Rio de Janeiro: 1975. Disponível em Casa de Rui Barbosa.

Lispector, Clarice. *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro: Rocco, 1967.

Lispector, Clarice. Panorama com Clarice Lispector [entrevista a Julio Lener]. TV Cultura 1 fev.1977. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU&t=441s&pp=ygUcY2xhcmljZSBsaX-NwZWN0b3IgdHYgY3VsdHVyYQ%3D%3D>>>

Lispector, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

Mignolo, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade saberes subalternos e pensamento liminar*. Ed. UFMG, 2003.

Nolasco, Edgar César. Crítica Biográfica Fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). *In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA*. v. 7, n. 14. Campo Grande: Ed. UFMS, jul./dez. de 2015.